

A MÚSICA EM TRILOGIA DAS CORES

DE PAULA, Jéssica Rolim¹

RESUMO: O estudo pretende investigar de maneira exploratória como as obras do compositor Zbigniew Preisner e seus artifícios composicionais se inserem em Trilogia das Cores. O objetivo é identificar a importância de suas composições na narrativa fílmica da obra tratada e como suas composições se relacionam com a criação fílmica do director e sua forma de enxergar e sentir cinema.

PALAVRAS-CHAVE: Trilogia das Cores; Kieslowski; Música

INTRODUÇÃO

A trilogia das cores, obra consagrada do diretor polonês Krzystof Kieslowski, foi produzida entre 1992 e 1994 na Polônia e na França, num contexto do bicentenário da Revolução Francesa. Tais obras carregam consigo valores e críticas a sociedade europeia da época, uma tentativa de levar o espectador a reflexão dos valores políticos e sociais pungentes.

[...] a trilogia de Kieslowski aponta constantemente para a necessidade de invenção de hipóteses, fabricação de possibilidades, criação de caminhos. O espectador é obrigado a constituir estas imagens, forçado a qualificá-las e, neste movimento, se qualifica, se constitui, se subjetiva. Movimento de mão dupla ou um duplo devir. Kieslowski obriga o espectador a ser. Ele engendra através de suas lacunas e de seus silêncios esta necessidade. (FRANÇA, 1996, p.43)

¹ Graduanda em Musicoterapia pela Unespar – Fap. Integrante do Grupo de Estudos em Som no Cinema ministrado pelo professor Demian Garcia.

Um filme é uma experiência capaz de invocar sentidos e construções sociais diferentes a cada indivíduo (TRIANA, 2010, p.56). Sendo assim, Kieslowski ao utilizar tais artifícios, optou para que sua trilogia tivesse uma narrativa aberta, embora carregue sentidos intrínsecos em suas cenas.

O diretor narra o cotidiano, situações esquecidas pela confusão das grandes cidades, situações aparentemente banais da vida contemporânea.

Em *Bleu* temos um filme guiado pelo tempo psicológico da personagem principal Julie. A personagem fecha-se para o mundo. Ao mesmo tempo em que se encontra *livre* de tudo e todos que a aprisionava anteriormente.

No filme não temos a oportunidade de conhecer a vida anterior de Julie. Porém, através de detalhes, o espectador, quase que em um processo de empatia, se “identifica”, se “reconhece” e conhece a própria personagem nas breves histórias narradas: O espectador tem a oportunidade, por exemplo, de conhecer a figura materna de Julie, mãe esta perdida e isolada, que assiste tv e perde-se em lembranças.

Em *Blanc* acompanhamos a história de Karol Karol e sua vingança por uma paixão seguida de separação caótica. *Blanc* em seu tom de comédia – interrompido às vezes por *flashes* dramáticos - retrata a desigualdade, a dificuldade de comunicar-se com o outro, o preconceito e as ações e reações do personagem principal perante as dificuldades que aparecem durante a trama. Uma metáfora da igualdade enroscada na complexidades e nos descaminhos do ser humano.

Rouge, o filme que encerra a trilogia, possui um ritmo diferente dos filmes anteriores. Planos abertos e câmera com mais movimento.

O último filme conta a história da modelo Valentine e seus acasos. Ao atropelar um cachorro e ao procurar seu dono, a protagonista encontra-se com Joseph; um senhor juiz aposentado que refugia-se da solidão escutando conversas telefônicas de vizinhos. Ambos encontram-se em suas solidões. Desenvolvem inesperadamente uma amizade sólida.

Em paralelo, a história de um jovem advogado caminha com o de Valentine. O acaso e o destino. Encontros e desencontros.

Rouge é um filme com belíssima direção de arte, uma metáfora belíssima formada em cada cena e objeto.

Porém, musicalmente, o que conecta esses filmes?

A música de Preisner, neorromântica, tonal, melódica, com instrumentos e combinações contemporâneas, junta-se a Kieslowski em *Dekalog*, com Preisner acompanhando a criação fílmica do diretor.

Mesmo que *Blue* tenha mais exemplos a serem mostrados que os demais filmes, concentremos naqueles que poderão ser observados em todos na trilogia.

Ao analisar as composições de Zbigniew Preisner, algo em comum foi encontrado: temas musicais. São com temas musicais que as narrativas são construídas na trilogia. A música é companheira da narrativa de Kieslowski.

A principal função deste tipo de música é ser portadora de emoções, sugerir situações ou enfatizá-las.

[...] Encontra-se claramente a música de fundo ou ainda a música como veículo narrativo, imprimindo emoções específicas e atuando como *leitmotiv*. Pode-se destacar também as funções de continuidade rítmica e formal que a música exerce dentro da narrativa desses filmes. (MIRANDA, 1998, p.39)

Temos na Trilogia das Cores, principalmente em *Bleu*, uma “*Música Afetiva*”. Visualizamos as expressões de Julie e sua realidade através dos seus olhos e, em alguns momentos, ouvimos juntamente com a personagem sua audição interna. A música e a fotografia são utilizadas de forma recorrente para produzir efeitos sensoriais que criam no espectador a impressão de ter acesso a algo da experiência afetiva da personagem.

Temas e desdobramentos deste aparecem com frequências em cenas de *Bleu*. A “*Marcha Fúnebre*”, composição em tom menor de Van den Budenmayer (nome fictício criado por Preisner) serve como motivo condutor das cenas que sucederão o filme. Sua primeira aparição é no velório do marido de Julie, onde a música se insere *diegeticamente* tocada por uma orquestra. A composição entoada em tons graves e melodias menores carrega uma dramaticidade íntima em seus acordes.

A melodia da Marcha Fúnebre retorna em momentos de “tensão” de Julie. A tranquilidade da cena é abruptamente interrompida pelo *tutti* orquestral.

Preisner utiliza-se de encadeamentos harmônicos similares para compôr suas melodias. Nota-se com certa facilidade sua identidade musical formada. Suas composições em *Bleu* são similares.

A autora Miranda (1998) encontrou pontos distintos entre as aparições da Marcha Fúnebre dentro da narrativa:

1. Música diegética de um cerimonial fúnebre;
2. Música não-diegética que preenche o espaço de uma elipse;
3. Música que sugere o sentimento do personagem.

Os temas musicais compostos por Preisner também são vistos em outras obras da trilogia. Porém, com menos frequência. Em *Blanc* notamos o tango de Karol (entitulada na trilha musical como “Don Karol”). Composição que aparece em momentos específicos da trama. Por exemplo, quando Karol retorna ao seu país depois de ter “levado uma surra” de alguns homens que o descobriram escondido na mala. Um piano majestoso inicia uma preparação para o tema que aparecerá em seguida, quando o protagonista consegue finalmente chegar ao salão “Karol”.

Esse tema, com cordas e uma melodia quase viril sem perder sua suavidade, se insere na trama como uma música não-diegética e, ao mesmo tempo, sugere o sentimento do personagem. Como a confiança do herói sem asas recuperada aos poucos.

Em *Rouge* notamos o mesmo artifício. Neste filme temos o tema “Bolero” que se repete em variados timbres: ao piano ou com cordas em agudo. Um tema que ressoa no todo do filme. Essa composição apresenta-se primeiramente no desfecho do desfile da protagonista e se prolonga para a cena posterior ao som de um arpejo suave com arpa e clarinete costurando belamente o tema musical.

O universo que Kieslowski cria em seus filmes é claramente observado também em suas trilhas musicais. Miranda (1998) nos diz que é necessário prestar atenção nas “pistas musicais” que o cinema de Kieslowski pode nos revelar.

[...] Existe uma sincronia muito peculiar entre o modo de tratar a música e o estilo kieslowskiano de tratar imagens. Um mesmo tema é capaz de cumprir muitas funções, de se multiplicar, assim como as imagens são multiplicadas e capazes de fornecer diferentes pontos de vista. Também a maneira como o diretor desenvolve seus personagens e os temas dos filmes entra em ressonância com a música. Existe uma gama de recorrências nas histórias, nos sentimentos e nas melodias. (MIRANDA, 1998, p.39)

Se observamos atentamente a cena em que Valentine indaga em uma loja de Cds por uma coleção de Van den Budenmayer, ouviremos ao fundo o tema de Karol sendo tocado. O mesmo tema citado nesse estudo em parágrafos anteriormente.

As histórias criadas por Kieslowski procuram refletir sobre as relações humanas, retratar emoções, retratar o cotidiano e seus enlacs. O universos ficcional do diretor é uma teia de personagens. Um mundo onde os personagens existem de fato, podendo até mesmo a esbarrarem-se. São sutis conexões que são possíveis de serem identificadas pelo espectador atento.

O diretor testemunha que seu intuito é realmente trabalhar com emoções, com puras emoções.

É claro que eu estou mexendo com emoções. Com o que mais eu poderia mexer? [...] O que é importante? Apenas isto, eu mexo com as emoções para que as pessoas possam amar ou odiar meus personagens, para que as pessoas possam simpatizar com meus personagens, para que as pessoas possam querer que meus personagens ganhem se eles estiverem jogando um jogo bom. Eu acho que se você vai ao cinema, você quer se entregar a emoções. (KIESLOWSKI,1993, p. 183).

Ao utilizar a música como uma possível portadora de emoções, um código que se modifica de acordo com o contexto fílmico e enfatizadora de situações, o diretor possibilita ao espectador vivenciar, criar empatia ou não pelas seus personagens juntamente com a fotografia e demais artifícios. O espectador é capaz de engajar-se e experimentar emoções.

Noël Carroll nos diz que o espectador assimila situações já vividas, porém, sem perder a diferenciação das circunstâncias (real e fictício).

O cinema de Kieslowski e a música de Preisner é um convite aos espectadores a observarem com delicada atenção as sutilidades nos filmes de Kieslowski, principalmente na obra aqui tratada. A música de Preisner sutilmente apresenta-se na narrativa de Kieslowski através de seus temas musicais. Os temas vão ao encontro dos personagens e das imagens. Temas estes utilizados quase como um *leitmotiv* mas que necessitará de um ouvido atento para reconhecê-los.

CONCLUSÃO

Ao observarmos a obra de Kieslowski em Trilogia das Cores, algumas semelhanças musicais foram encontradas. Tratando-se de semelhanças de composições e sutis conexões de temas musicais.

Cada tema musical composto parece relacionar-se com o personagem, com sua personalidade e as situações em que se encontram. Um tema que ecoa em variadas cenas de cada filme da trilogia.

Para Julie temos a Marcha Fúnebre que insiste em persegui-la durante a narrativa. Essa composição relaciona-se diretamente com sua família, com seu passado e com tudo que decidiu abandonar.

Para Karol temos um tango suave e viril. Uma tentativa de resgatar a auto-confiança do personagem e toda sua dificuldade de tornar-se um “igual” onde vive. Para Valentine, temos um bolero que utilizando-se de variados timbres nos oferece uma possibilidade de enxergamos o “vermelho” musicalmente.

A música nessas obras é uma ferramenta de importância reconhecida para que as emoções do espectador sejam alcançadas. A música é uma auxiliar da narrativa. Ela auxiliará o espectador a significar e ressignificar sua experiência com os filmes de Kieslowski. Para

Kieslowski, o espectador é quem dará o real significado por meio da experiência e de seus valores.

Identificando como a música de Preisner se insere nos filmes de Kieslowski foi possível observar como essas composições carregam consigo responsabilidades sutis de levar emoções. Emoções estas que, como já comentado, dependerão somente do espectador e sua relação com a experiência e sua capacidade de significação. Dependerá de sua dialética.

CORPUS

A LIBERDADE é azul (Trois couleurs: Bleu). Direção: Krzysztof Kieślowski. Intérpretes:

Juliette Binoche, Benoît Régent, Floence Pernel, e outros. Roteiro: Krzysztof

Kieślowski e Krzysztof Piesiewicz. França: France 3 Cinéma, 1993. 1 DVD (97 min),

son., color.

A IGUALDADE é branca (Trois Couleurs: Blanc). Direção: Krzysztof Kieślowski.

Intérpretes: Zbigniew Zamachowski, Julie Delpy, Janusz Gajos, e outros. Roteiro:

Krzysztof Kieślowski e Krzysztof Piesiewicz. Polônia: France 3 Cinéma, 1994. 1 DVD

(89 min), son., color.

A FRATERNIDADE é vermelha (Trois couleurs: Rouge). Direção: Krzysztof Kieślowski.

Intérpretes: Irène Jacob, Jean-Louis Trintignant, e outros. Roteiro: Krzysztof Kieślowski

e Krzysztof Piesiewicz. França: France 3 Cinéma, 1994. 1 DVD (99 min), son., color.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Andréa. **Cinema em azul, branco e vermelho: a trilogia de Kieślowski.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

KIESLOWSKI, K.; STOK, D. (Ed.). **Kieslowski on Kieslowski**. London: Faber & Faber, 1993.

MIRANDA, Suzana Reck. **A música no cinema e a música do cinema de Krzysztof Kieslowski**. 1998. 139 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP, 1998.

TRIANA, Bruna Nunes da Costa. **Imagens refletidas: o cinema, o eu e o outro na trilogia das cores de Krzysztof Kieślowski**. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.54-67, dezembro, 2010.